

A COISA CERTA A FAZER

KELLY GARNETT

A psicóloga se atrasara para a nossa hora. Eu estava sentada numa das cadeiras de plástico duro de sua sala e, apesar do contorcionismo para me acomodar, continuava desconfortável. Olhei para o garoto sentado ao meu lado, meu parceiro nesse crime. Pareceu-me perturbado, doído com a decisão que tínhamos tomado por puro desespero. Amigos há muitos anos, naquele momento nos sentíamos incapazes de animar um ao outro, pois estávamos perdidos em nossos próprios pensamentos e dúvidas.

Com o corpo formigando, fiquei atenta a tudo o que se encontrava à minha volta. O cheiro de lápis recém-apontado, a escrivania exageradamente organizada, tudo naquela sala revelava a rígida disciplina da psicóloga que iria nos atender. Comecei a questionar se tínhamos escolhido a pessoa certa para nos ajudar a salvar nossa amiga. A psicóloga chegou sorrindo e pedindo desculpas por ter se atrasado. Sentou-se e nos olhou cheia de expectativa. Eu tive a sensação de que esperava que anunciássemos que ela acabava de ganhar na loteria, em vez de contar a história de dor e frustração que ambos ocultávamos há tempos. Por um instante, fiquei paralisada pelo pânico. Era difícil imaginar como Suzie, minha melhor amiga, reagiria ao descobrir que as duas pessoas em quem mais confiava a tinham traído. E me preocupava também com o que aconteceria comigo.

Será que ela vai me odiar? Será que nunca mais vai querer falar comigo? Além de toda a dor que ela certamente sentiria, eu tinha medo de perder minha melhor amiga.

- Kelly, por que não começa me contando por que vocês dois estão aqui? - sugeriu a psicóloga. Olhei para o meu amigo mais uma vez e seus olhos tristes confirmaram que estávamos fazendo a coisa certa.

Quando comecei a contar a história de Suzie, minha incerteza deu lugar a uma sensação de alívio. Carregar o fardo emocional de uma amiga que se matava lentamente era demais para uma garota de quatorze anos, e eu já não agüentava mais.

Como uma corredora exausta, estava passando o bastão para que outra pessoa o carregasse.

Minha narrativa emocionada e entre cortada foi dando forma à história de Suzie. Falei de como ríamos de sua estranha mama de partir a comida em pedacinhos minúsculos, sem jamais nos darmos conta de que, ao fazê-lo, ela levava mais tempo para comer menos. De como colaborávamos com as críticas que Suzie fazia a ela mesma, sobretudo de como se achava gorda. Nós ríamos, fingindo concordar, sem saber que, no fundo, no fundo, ela não estava brincando.

A culpa ia escalando a minha garganta à medida que eu relatava fato após fato, pois agora compreendia que eram sinais de que Suzie tinha um problema muito sério. Não sei bem por que nós nos recusamos a ver que seu estado se deteriorava a cada dia. Só quando já era quase tarde demais é que

finalmente nos demos conta do que estava acontecendo: Suzie estava doente, de corpo e de alma. Ela sofria de depressão e de anorexia.

Contei o que me levava a procurar ajuda. Algumas semanas atrás, eu estava sentada ao lado de Suzie, desviando a vista das olheiras e das maçãs do rosto já muito saltadas, enquanto ela me contava que, agora, já não comia quase nada e que, sem nenhum motivo explicável, costumava chorar durante horas. Enquanto falava, eu comecei a chorar. Não conseguia controlar as lágrimas e experimentava uma sensação de absoluta impotência. O ponto ao qual minha amiga tinha chegado me apavorava e o medo em minha voz era nítido quando revelei o segredo de Suzie: ela estava procurando uma forma de escapar à dor, à tristeza, ao sentimento de inadequação que agora era constante em sua vida. Suzie achava que se matar, talvez, fosse a única maneira de escapar ao sofrimento.

Quando terminei de falar, recostei-me na cadeira, incrédula. Eu tinha revelado todos os segredos que me foram confiados sob a condição de jamais repeti-los. Eu acabava de destruir o aspecto mais sagrado de nossa amizade: a confiança. A confiança que levava tempo, amor, boas e más experiências para ser construída e que havia sido quebrada em dez minutos, traída pelo desamparo, pelo desespero e pelo fardo que eu não podia mais carregar. Eu me sentia fraca. Naquele momento, eu me odiei. E odiei Suzie.

Ela não precisou que lhe explicassem por que estava sendo chamada à secretaria. Olhou para mim, para o namorado sentado ao meu lado, para o olhar preocupado da psicóloga. As lágrimas de fúria que brotavam em seus olhos deixaram claro que ela compreendia perfeitamente bem. Quando começou a chorar de raiva e de alívio, a psicóloga, carinhosamente, mandou que Aaron e eu voltássemos para a sala de aula e fechou a porta atrás de nós.

Não voltei para a aula imediatamente. Fiquei perambulando pelos corredores da escola, tentando entender tudo aquilo. Embora soubesse que, provavelmente, tinha acabado de salvar a vida de minha amiga, eu não me sentia uma heroína.

Ainda me lembro da tristeza e do medo que tomaram conta de mim: eu estava certa de que meus atos acabavam de me custar uma das melhores amigas que jamais tivera. Mas, uma hora depois, Suzie voltou da sala da psicóloga e, com lágrimas nos olhos, atirou-se em meus braços em busca de um abraço de que nós duas precisávamos.

Foi só então que me dei conta de que, por mais furiosa que estivesse comigo, ela ainda precisava da melhor amiga para ajudá-la a chegar ao fim daquela jornada extremamente difícil.

E assim eu aprendi uma das primeiras lições sobre o que é crescer e sobre o que é uma verdadeira amizade - pode ser duro, até mesmo apavorante, mas quando gostamos de alguém e queremos o seu bem devemos seguir o impulso do coração.

Um ano depois, Suzie me deu uma cópia de sua foto do álbum da escola. Nela, aparecia com as faces outra vez rosadas, e o sorriso luminoso do qual eu sentira tanta saudade enfeitava o seu rosto. No verso, a mensagem:

Kelly você sempre esteve pronta para me ajudar, mesmo contra a minha vontade. Muito obrigada. Agora, não há como se livrar de mim - serei sua amiga para sempre. Te amo, Suzie.